



# "O Olympia de Rocha Moreira"

**Pedro Veriano**

*"Se eu pudesse recordar  
e ser criança  
se eu pudesse renovar  
minha esperança  
se eu pudesse lembrar como se dança  
esse chorinho  
que hoje em dia  
ninguém sabe mais".*

**Ernesto Nazareth**

**R**uy Barbosa tinha cadeira cativa num cinema da Cinelândia carioca. Um dia ele disse: "O Cinema é o teatro condensado e rápido. É o drama e a comédia tendo por fundo a realidade, a natureza e o universo na variedade infinita de todas as suas cenas. Não tem bastidores, não tem fingimentos, não tem mentiras".

O conceito de Ruy de lema ao Olympia-Jornal da Empresa Teixeira Martins & Cia, que Rocha Moreira, jornalista e poeta, editava duas vezes por semana para distribuição gratuita à entrada do "luxeoso cine Olympia".

## A ÉPOCA

O jornal de Moreira surgiu em abril de 21, justamente com o Olympia fazendo 9 anos. Rocha escrevia no editorial do segundo número: "Surgindo no intuito de preencher uma lacuna que há muito o Pará se ressentia, pois que, nos grandes Estados, os estabelecimentos cinematográficos já mantêm seu órgão de publicidade, ao fazer a nossa aparição para a propaganda do teatro de photographia animada, enfileirando-nos ao lado dos grandes órgãos da imprensa, que defendem os interesses coletivos ou uma causa que repetem um ideal..."

Sem muito esforço de imaginação vocês podem imaginar como era o Olympia dos "twenties", com a Belém no fim de sua "belle-époque" (ou "borracha-épouque"): Senhoras de chapéu de palha, senhoras de chapelões, senhores bigodudos num jaquetão de Paris, senhoras de "melindrosas" na onda de Isadora Duncan ou Sarah Bernhardt. Em tudo o toque do cavalheirismo, derrubando o mosquito amazônico com uma cheirosa "defumação" e descansando o terçado do mateiro em troca de uma bengala chapliniana, humanismo & mundanismo no estilo Ophuls.

Naquele tempo, embora incrível, Belém tinha mais cinema do que agora. E o fato de "ir ao cinema" não era, absolutamente, tão sem importância como tomar um sorvete ali na esquina. Ir ao cinema exigia preparo, exigia boa aparência, reforçando a errônea afirmativa de que cinema era um "theatro animado", uma espécie de prolongamento das óperas e operetas que o "Theatro da Paz" oferecia em noites de luz.



## O POETA

Rocha Moreira com sua poesia deixou um retrato muito característico da sociedade paraense de seu tempo. em si, quando ele começou a fazer o "Olympia Jornal", seus versos tratavam dos filmes em exibição. É desta época "EVANGELINA":



Saída do "Olympia" - 1930

" A fita de hoje, leitora,  
É primorosa e bonita,  
De mais e mais sempre é fita,  
Ninguém alli vae morrer!  
E o mesmo que, sedutora,  
Ler um soberbo romance,  
Ou um livro em que ABEL GANCE  
Faz tanta gente sofrer".

Mais tarde, em 35, na segunda fase do periódico, Moreira mostrara-se o observador do público, o cronista social. O antecessor de Edgar Proença na visão gaiante das tantas "Marias" que frequentam a "sofrée" ou a "matinée" do cinema-chique.

No "Olympia-Jornal" de 28, Moreira dividia seus versos em observações irônicas endereçadas aos cavalheiros, e em galanteios às senhorinhas que "com graça e simpatia" faziam "Tom Mix mais euphorico".

Um dos "Perfis Olympicos" da época:

" Quando no Olympia entrou linda, faccira,  
Cheia de graça, cândida e formosa,  
Trajando o róseo, doce feiticeira,  
Anna Rosa era um sonho cor de rosa.

Prende-lhe o punho fulgida pulseira  
De pérolas, e sobre o scio fulgurosa,  
Traz presa a um torçal de ouro, sobranceira,  
A medalha, reliquia caprichosa.

Calça-lhe o pé pequeno e delicado,  
Sapato beje, ostenta meia creme,  
E é linda jóia num salão dourado.

Bela, fidalga, senhoril, bonita,  
Anna Rosa de instante a instante freme,  
Quando fremente se revela a fita"

**(Dedicado a Anna Rosa de Oliveira Simões)**

Já dos cavalheiros, notadamente dos que faziam do "Olympia" & adjacências o parque de



elegância & conquista, Moreira não fazia um “perfil” mas uma “caricatura”. De suas célebres “Caricaturas Olympicas”, destaco a que ele fez a F. B. (ele só botava as iniciais do “monsieur”), facilmente distinguível como o já falecido Francisco Bolonha:

“ Este é trunfo na nossa engenharia,  
E pelos seus trabalhos tem desvelo;  
Presta culto à mulher e à Poesia  
E se quisesse fora o rei do gelo.

Quando do Olympia, abre a bilheteria,  
Primeiro dos primeiros, certo, é vê-lo  
Penetrando o salão que se allumia,  
E onde as artistas são um setestrello.

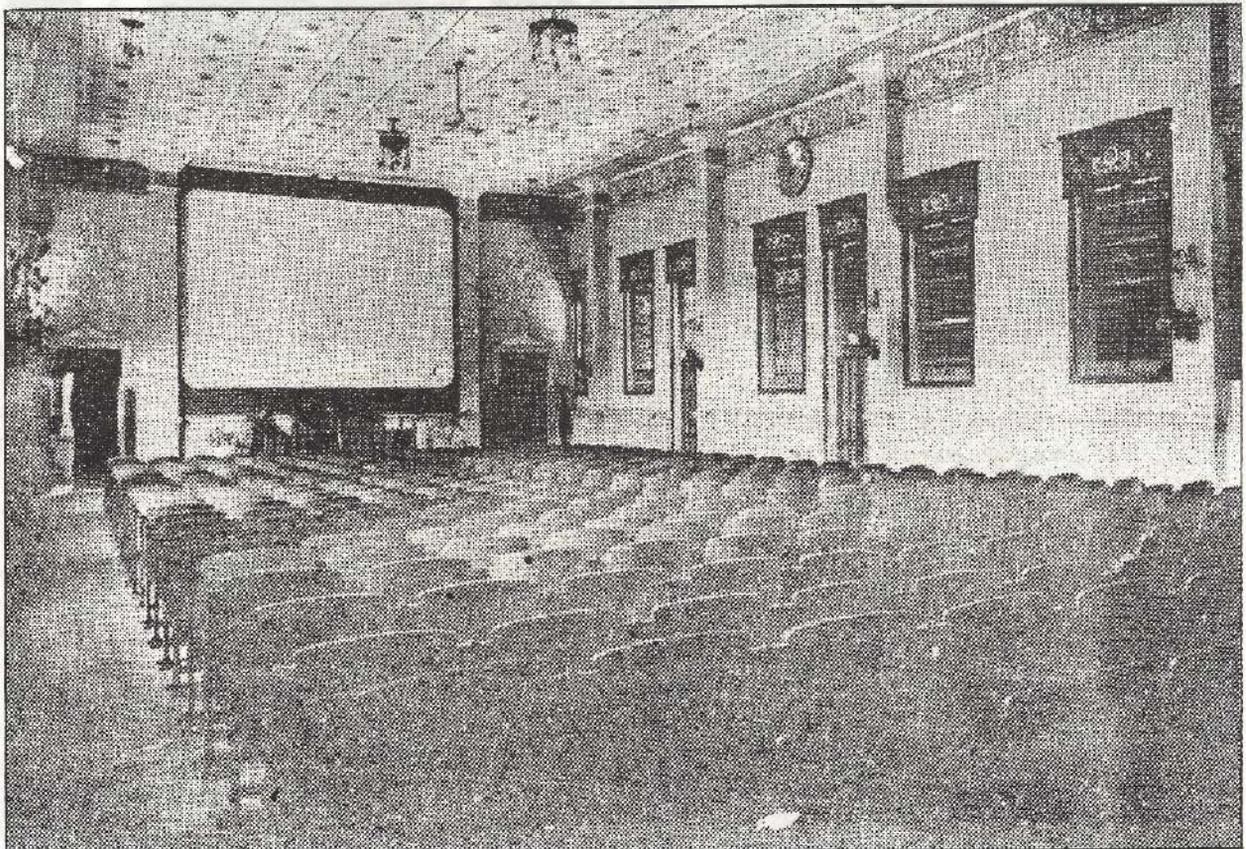
Não diz bem, não diz mal de qualquer fita...  
Ama o silêncio, quer no alvor da tela,  
Quer na actriz adorável se é bonita.

Sendo engenheiro, creio que não sonha;  
Rende culto à brancura da ferpella,  
E não sendo da Itália é de Bolonha”.

### A PUBLICIDADE

Os jovens de hoje ganham as colunas sociais por vários motivos. Antes o motivo era mais definido. Notícia era uma espécie de “Maria Fumaça” puxando vagões de ouro. Aos poucos a crônica social no Brasil (herdando a metamorfose do gênero nos gran-centros do mundo) foi adquirindo, “democraticamente” um caráter informativo (e sendo, por isso mesmo, mais séria). Na “belle époque”, pesava o dinheiro como pesava o “charme”. Muitas vezes não havia uma perfeita associação entre “charme” e dinheiro. A mulher bonita era vista e louvada por uma pessoa da sensibilidade de Rocha Moreira, e este fato levava muitas mocinhas ao “Olympia”, na doce esperança de saírem, dias depois, retratadas em versos no “Olympia Jornal”.

A publicidade da Empresa Teixeira Martins & Cia., era, como vocês podem ver, muito inteligente. A direção da Empresa procurava alimentar o ingênuo orgulho do público, levando sempre em conta a qualidade de Belém-Província, com “todo mundo conhecendo todo mundo”, o que dava em um jogo muito interessante: “Vamos ver quem o Moreira vai caricaturar no próximo número...”



Interior Cinema Olympia - 1912



Mas apesar dos "Perfis" e "Caricaturas" serem a "grande atração" do "Olympia-Jornal", a publicidade dos filmes a serem exibidos não poderia deixar de ser feita. E vocês podem ver nestes versos de Moreira, publicados em setembro de 28, como se promovia um filme em exibição:

" Meus leitores e leitoras  
Do Bello seguindo a trilha,  
Hoje sim, o Olympia brilha  
Com essa "Noite Nupcial".  
Vós, gentis frequentadoras,  
Cada qual a mais bonita,  
Ides ver Lily Damita  
Na produção sem igual".

Naturalmente o "Olympia-Jornal" não era TODO de (ou em) versos. a publicidade "standart" tinha hora e vez. No mesmo número em que se lia (ou lê) os versos de Moreira sobre o filme NOITE NUPCIAL, há uma chamada (com cliché e tudo) para O CAÇULA, filme da "Paramount" com Harold Lloyd. Também neste número, logo na página seguinte, outro "cliché" indicando Pola Negri em "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS", também da "Paramount". Por outro lado, o jornal publicava o repertório do "Jazz-Band do City-Club" sob a direção do professor Oliveira da Paz, que tocava no salão de espera. em 14 de setembro de 28, o repertório era o seguinte:

- 1 - "Liberty" - Marcha
- 2 - "Passadena" - Fox-Trot
- 3 - "Pobre de mi" - Tango
- 4 - "Meu Xexéu" - Samba
- 5 - "Não Me Digas Que Tudo Acabou" - Valsa
- 6 - "Dona Optima" - Fox-Trot
- 7 - "Nena" - Tango
- 8 - "Coronado" - Fox-Trot
- 9 - "Perdoa-me" - Valsa
- 10 - "En Avant" - One-step.

No salão de projeções, o acompanhamento das imagens mudas estava a cargo do professor Travassos de Arruda, e o repertório variava do "clássico" ao popular, tudo na dependência da "funcionalidade".

fazendo, na hora, o que um Max Steiner, um Victor Young ou um Dimitri Tiomkim viriam a fazer em meses e meses com o advento do "Movietone" (cinema falado).

#### DEPOIMENTOS

D. Maria Almeida tinha 26 anos quando o "Olympia-Jornal" circulava em sua segunda fase. Ela não tem lembrança do jornal, mas recorda - e muito bem - "A Semana" revista "chique" da época onde Rocha Moreira também colaborava com seus "perfis" e "caricaturas".

D. Maria foi um dos "perfis" de Moreira em "A Semana". Do velho "Olympia" ela recorda as "soirées" (sessões de estréia) às terças e sextas-feiras, arrastando o "grand-monde" local. Endossando a "caricatura" de Moreira, ela conta que o Sr. Francisco Bolonha realmente "abria o cinema". Conta, também, que o "Olympia" tinha concorrentes no "Palace Theatre" e no "Eden". O "Largo da Pólvora", era assim, uma espécie de "Cinelândia Paraense", com um outro cinema da esquina da General Gurjão, o "Paris", frequentado principalmente por "mariposas" que subiam a rua numa espécie de "complementação da trottoir".

O Sr. Álvaro Coelho de Souza também pegou o velho "Olympia" e conheceu Rocha Moreira (que trabalhava na "Folha do Norte"). Naturalmente, viu de perto a Belém "parisiense" que a borracha pariu e matou. O Sr. Álvaro conta que o "Olympia" fazia duas sessões noturnas, sendo que a última sessão era a mais concorrida. A orquestra comandada por Oliveira da Paz está no bolo de recordações de sua infância. E, paralelamente ao cinema de Valentino, Theda Bara, Dolores del Rio, Douglas del Rio, Douglas Fairbanks, Ramon Navarro, Mary Pickford, Charles Chaplin, Tom Mix, Buck Jones e tantos outros, estava o nascente "terrace" do Grande Hotel, fazendo a vida noturna de uma cidade que despreocupada na sua condição de carbono europeu, não via brotar, no distante Ceilão a seringueira de cuja selva alimentaram-se tantos (ricos) sonhos, chegando a caminhar, na trilha da lenda, a uma Shangri-la dos Trópicos.